

ABELARDO LUZ E CHAPECÓ/SC

Análise espacial comparativa do território urbanizado

ABELARDO LUZ AND CHAPECÓ/SC
Comparative spatial analysis of urbanized territory

Ana Laura Vianna Villela¹, Vera Regina Tângari²,
Isadora Zanella Zardo³ e Lucas Santos Magro⁴

Resumo

As cidades brasileiras têm seu processo de urbanização a partir do século XX com a ocupação do território nacional, a consolidação das fronteiras e a inversão populacional do campo para a cidade. Os fluxos de informação e de matéria, devido a industrialização e o grande crescimento econômico, ocasionaram complicações no meio urbano, principalmente nas cidades médias e nas regiões agrícolas e agroindustriais ativas, como o oeste catarinense, compostas basicamente por pequenos municípios. As cidades com agroindústria como Chapecó e Abelardo Luz se destacam por sua importância para a economia regional, visto que vinculado a cada indústria tem-se muitas propriedades rurais com a produção da matéria prima. Neste contexto de fluxos e dependências se observa que as micro e macro relações impactam na morfologia e conseqüentemente na paisagem destes núcleos urbanos. Contudo, este estudo objetiva analisar comparativamente as características socioespaciais registradas na paisagem e as contradições que intermediam a relação sociedade/território.

Palavras-chave: morfologia, paisagem, Abelardo Luz, Chapecó.

Abstract

Brazilian cities had their urbanization process since the 20th century with the occupation of the national territory, the consolidation of borders and the population inversion from countryside to city. The flow of information and material, of industrialization and the economic growth, caused complications in the urban environment, mainly in medium-sized cities and in active agricultural and agro-industrial regions, such as western Santa Catarina, composed basically of small municipalities. Cities with agroindustry such as Chapecó and Abelardo Luz stand out for their importance for the regional economy, since associated with industry there are many rural properties with the production of raw materials. In this context, it is observed that micro and macro relationships have an impact on the morphology and, consequently, on the landscape of these urban centers. However, this study object to comparatively analyzes the socio-spatial characteristics recorded in the landscape and the contradictions that mediate the relationship between society and territory.

Keywords: morphology, landscape, Abelardo Luz, Chapecó.

1 Doutora em Arquitetura. Professora concursada do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Área de Ciências Exatas e Ambientais (ACEA) na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

2 Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente no Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ/UFRJ).

3 Arquiteta urbanista e pesquisadora do grupo Cidade: cultura, urbanização e desenvolvimento. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sistemas de Energia (PPGSE) pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

4 Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

Introdução

As cidades brasileiras têm seu processo de urbanização a partir do século XX, com a ocupação do território nacional, a consolidação das fronteiras e a inversão populacional do campo para a cidade. Os fluxos de informação e de matéria, devido a industrialização e o grande crescimento econômico, ocasionaram complicações no meio urbano, principalmente nas cidades médias e nas regiões agrícolas e agroindustriais ativas, compostas basicamente por pequenos municípios. As constantes mudanças econômicas proporcionam usos distintos do espaço, construindo novas redes de relações e novas articulações espaciais entre as cidades.

A estrutura do espaço teve grandes alterações devido ao impacto da industrialização sobre o processo de urbanização. Neste contexto criam-se regiões agrícolas com cidades, como o oeste catarinense, e regiões urbanas com atividades rurais, que servem geralmente ao consumo local (SANTOS, 1998).

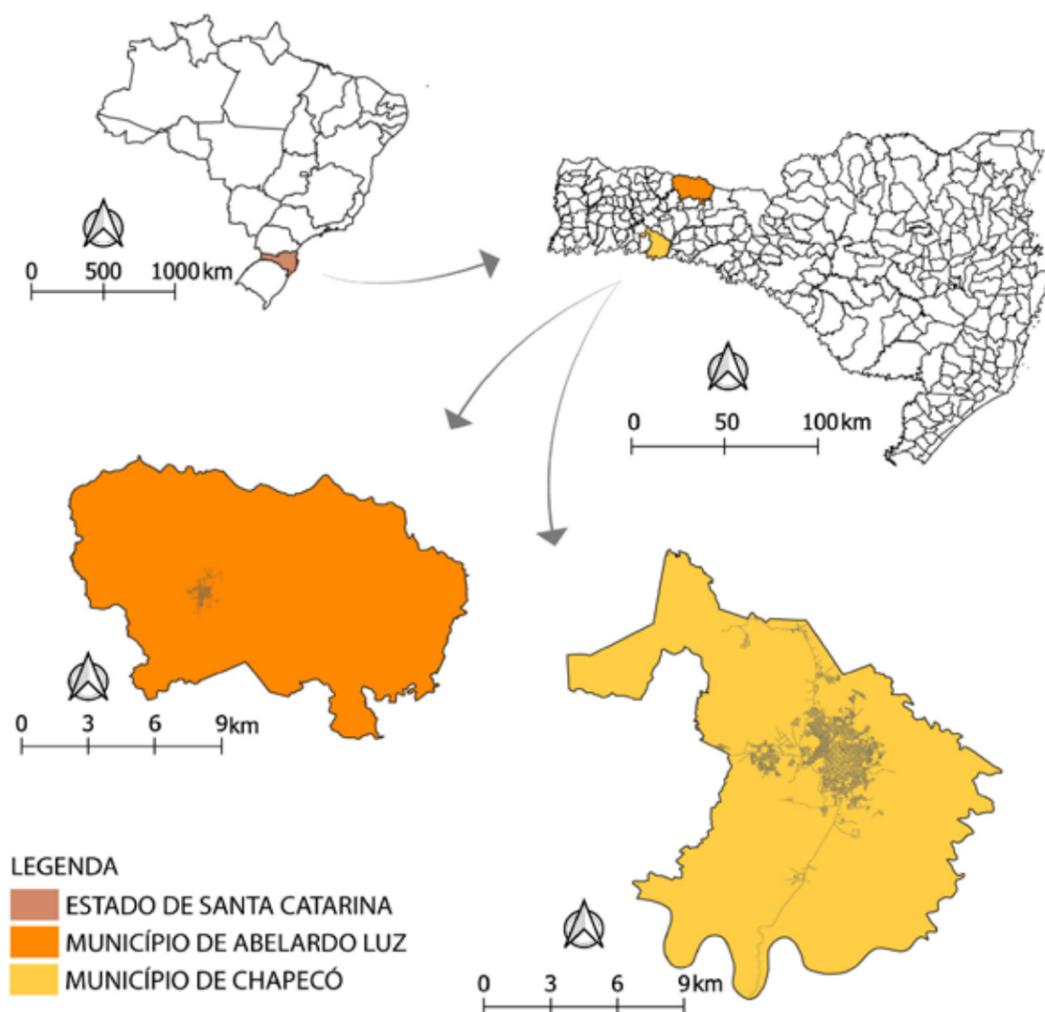
Para entender a urbanização no primeiro contexto é necessária uma compreensão inicial sobre o espaço/território existente. Segundo Raffestin (1993) o espaço antecede o território, e este somente existe quando representado. O espaço é a *prisão original* a qual possui apenas valor de uso. “O espaço é, portanto, anterior, preexistente a qualquer ação” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). Por outro lado, entende-se:

território como sendo uma construção social, que incorpora os processos econômicos e produtivos, define estratégias de dominação sobre o espaço e seus recursos e que se manifesta sobre uma base física, através de múltiplas apropriações, individuais e coletivas, delimitando marcas e marcos de identidade cultural (SCHLEE *et al.*, 2009, p. 231).

Na dinâmica regional do oeste catarinense, se destaca a cidade de Chapecó pela intermediação entre a rede urbana e a região, bem como pelo aumento das atividades econômicas, que antes eram encontradas apenas em metrópoles, e o significativo aumento populacional. Assim, Chapecó tem importante centralidade regional influenciando as atividades urbanas da região. Com força produtiva fortemente ligada ao agronegócio, principalmente de abate de aves e suínos, o oeste catarinense abrange uma rede de cidades que se relaciona de diferentes formas, seja para prestação de serviços, seja para abastecimento da própria indústria. Deste conjunto de municípios destaca-se a Abelardo Luz no norte do estado de Santa Catarina que compõem a macro rede capitaneada por Chapecó, mas que também coordena uma rede local ativa e de grande importância para o oeste (Figura 1).

Assim as cidades com agroindústria como Chapecó e Abelardo Luz se destacam por sua importância para a economia regional, visto que vinculado a cada indústria tem-se muitas propriedades rurais com a produção da matéria prima, mas dependência de comércio, serviços somente oferecidos nas cidades. Neste contexto de fluxos e dependências se observa que as micro e macro relações impactam na morfologia e conseqüentemente na paisagem destes núcleos urbanos. Para Macedo (1986) a paisagem é compreendida a partir do sentido de configuração espacial, sendo esta o produto e a resposta física às necessidades de uma sociedade que a constrói segundo alguns padrões e modelos específicos. Acrescenta-se ainda que é a expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo (ISUF, 2021; LAMAS, 1993).

De toda forma deve-se atentar que a paisagem:



ao mesmo tempo que é uma construção espacial coletiva, rica em detalhes minuciosos, é também capaz de oferecer grandes visões de conjunto, e talvez seja seu caráter não finito, associado a essa complexidade qualitativa e dimensional o que torna difícil sua apreensão global, sua leitura profunda (LEITE, 1992, p. 45).

Explicita-se um dos desafios da contemporaneidade: entender a paisagem na sua complexidade. Seu estudo se coloca como “a expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo [...] são estruturas finitas, pois são lidas e interpretadas dentro de uma escala de um dado observador” (OHTSUKIE; MACEDO, 2003, n. p.). Contudo, a análise e interpretação da paisagem se apresenta relacionada a sua essência física, material, objetiva e categorizável, bem como a sua essência simbólica, experimental e processual, ou seja, em sua profundidade cultural (LEITE, 1992; SCHLEE *et al.*, 2009).

Assim registra-se, analisa-se e interpreta-se as transformações parciais e totais que refletem as interações espaço-sociedade e expressa-se as modificações no processo temporal. Neste contexto “adota-se a morfologia como estudo das formas e dos fenômenos que lhes deram origem” (LAMAS, 1993 apud SILVA *et al.*, 2015, p. 106).

Contudo, a ação antrópica e as contradições que intermediam a relação sociedade/território são a base do estudo das características socioespaciais registradas na paisagem e ressaltam a necessidade da análise multiescalar e integrada. Neste

contexto, a paisagem é a categoria espacial analítica para o estudo das características socioespaciais do espaço regional ao local destes municípios agroindustriais.

Os estudos regionais se pautam a partir da visão integradora de Dramstad, Olson e Forman (1996) e verticalizada de Renner (2018), o que revelou o nível mais abrangente da relação física existente entre as cidades, por meio da concentração populacional urbana, conexões, uso do solo e hipsometria. *Macroregions* são importantes, pois suas características econômicas e culturais afetam a cada cidade de sua rede. Portanto as cidades não podem ser consideradas de forma isolada, pois sempre estão em conexão com outras cidades, formando “uma unidade econômica e cultural, que atua independentemente das fronteiras nacionais. A percepção global de uma cidade está fortemente conectada à sua macrorregião” (RENNER, 2018, p. 27).

Neste contexto estudam-se:

- a vegetação: o homem cria suas cidades a partir de suas necessidades, sendo a comida um importante elemento. Consequentemente as pessoas se instalaram cada vez mais em áreas férteis, podendo estas serem observadas como grandes áreas verdes nas imagens de satélite.
- a conectividade: pessoas e bens agem como nutrientes urbanos que mantêm as cidades vivas. O aumento da conectividade acarreta diretamente no aumento do crescimento urbano, pois uma boa acessibilidade aumenta o fluxo de pessoas e nutrientes urbanos e é uma pré-condição para um forte crescimento urbano. Portanto, aqui são investigadas as rodovias, rios navegáveis, trens e aeroportos.
- a geografia: a forma da paisagem interfere na distribuição das cidades, assim ao se observar a densidade, relevo recursos naturais tem-se tanto a compreensão da *Macroregion* quanto a definição de regiões internas a esta macroestrutura (VILLELA, 2019, p. 68-69).

A estrutura do espaço intraurbano foi investigado considerando a rede, a função das cidades, a forma da estrutura urbana (TÂNGARI, 1999; 2014), o seu processo de consolidação/crescimento e os espaços livres, e seus sistemas (TÂNGARI, 1999; 2014), os vetores de ocupação – atividades econômicas e fluxos, dos planos, leis e agentes de transformação – marcos do processo de ocupação (TÂNGARI, 1999; 2014), bem como pela densidade, o volume de tráfego, o sistema de transporte público, o sistema verde, o poder inovador e a força econômica (RENNER, 2018), que revelaram a forma urbana e o sistema urbano de espaços livres urbanos, ao descrever a cidade fisicamente existente e percebida, onde cada núcleo urbano possui seu próprio caráter, sua própria essência, que é ativada pelos seus usuários.

Em termos de planejamento urbano o termo é relevante pois descreve o tamanho real da cidade, não reconhece o limite político (este muitas vezes minimiza os impactos da estrutura), considerando na avaliação: o tamanho físico da cidade (uma cidade se destaca das demais de seu entorno), as artérias de conectividade urbana (conexões, fluxos e sistema de transporte público); a estrutura celular; os órgãos industriais (poder inovador: exploração de novas ideias com resultado positivo e força econômica: capacidade de gerar riquezas e influenciar); e os sistemas verdes. (VILLELA, 2019, p. 51).

Por fim, no contexto metodológico em discussão os espaços livres são discutidos a partir do estudo da forma urbana, onde são revelados e compreendidos os níveis intraurbanos de análise propostos por Renner (2018) – *Urban Being, Nucleus e Cell*.

O *Urban Being* permite a descrição da cidade fisicamente existente e percebida, pois cada local tem seu próprio caráter ou sua própria essência. A partir da densidade e da estrutura se divide em: baixa, média e alta densidade.

O *Urban Nucleus* é o núcleo central geográfico e historicamente mais importante do *Urban Being*, definido por limites físicos, tal como vias expressas urbanas, rio ou topografia, ou perceptivos. Assim, são identificados: tipologia do núcleo, sistemas de tráfego e espaços vegetados, bem como a forma desta estrutura (quadra e lote).

A *Urban Cell* é a superfície compreendida entre as principais conexões da cidade. É a menor unidade na qual uma pessoa pode sobreviver de forma independente, podendo, em alguns casos, ser comparável a um bairro. As células acontecem em diferentes tipologias na malha urbana, que ao se diferirem estruturalmente geram identidades urbanas específicas. Neste contexto são identificados: tipologia da célula (forma desta estrutura do conjunto quadra, lote e via), sistemas de tráfego (transporte público e pedestre) e áreas verdes (praças, parques, vias urbanizadas), bem como o centro comercial, gastronômico (restaurante, bares e cafés) e cultural.

Contudo entende-se que a anatomia e identidade das cidades relacionam a análise morfológica com a experiência. A anatomia analisa a cidade em seu substrato físico-material (SOUZA, 2015). Assim se explicita o objetivo geral deste trabalho: análise comparativa das características socioespaciais registradas na paisagem, e suas contradições, que intermediam a relação sociedade/território das cidades de Chapecó e Abelardo Luz.

O método comparativo entre os dados das cidades é um estudo piloto e integra o macroestudo da rede urbana agroindustrial que busca compreender as características da paisagem e da morfologia urbana dos municípios com indústria da carne no oeste catarinense. As fotografias apresentadas foram capturadas por câmera de celular com boa qualidade ou através do Drone Phantom 4 / H = 28m. Para as elaborações das cartografias utilizou-se de dados cartográficos disponibilizados pelo IBGE e fontes complementares referenciadas nas cartografias. Os projetos cartográficos foram desenvolvidos em software de georreferenciamento como Autocad Map 3D 2018 e QGis, e finalizadas no Adobe Illustrator um editor de imagens vetoriais.

As cidades

Segundo Renner (2018) as cidades são habitats criados artificialmente, sendo seu crescimento determinado por muitos fatores, inclusive externos, que evidenciam elementos que explicitam a sua anatomia e identidade. Assim a estratégia metodológica se estrutura a partir da ação antrópica e das contradições que intermediam a relação sociedade/território, ressaltando a necessidade da análise multiescalar, e integrada, para investigar, os processos de urbanização.

Originada no macro parcelamento da Lei Estadual n.º 1.147, de 25 de agosto de 1917 é considerada a capital do oeste de Santa Catarina, o núcleo urbano de Chapecó (Figura 2) cresceu de forma mais expressiva nas últimas décadas, particularmente em termos econômicos, populacionais e de estrutura física: população municipal de mais de 224.013 habitantes (estimativa IBGE, 2021) organizada num território de 624,846 km².

Sua mudança se deve pela saída do plantio, da erva-mate e da extração de madeira, conhecida como tropeirismo, para a agroindústria, principalmente com a carne suína e de aves. Atualmente protagoniza uma força produtiva, majoritariamente capitaneada



Figura 2 – Avenida Getúlio Dorneles Vargas. Fonte da foto: Ana Laura Villela, julho 2019. Drone Phantom 4 / H = 28m.



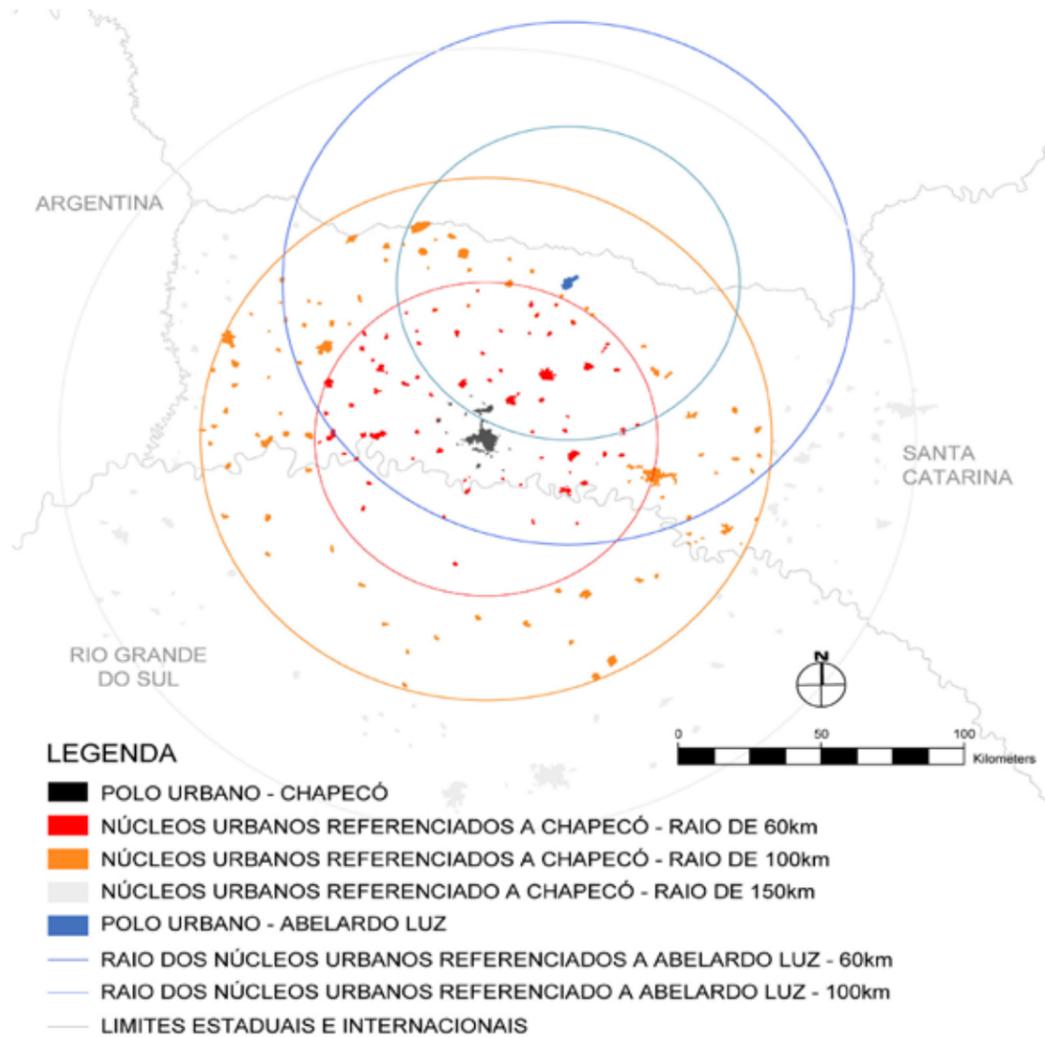
Figura 3 – Área central de Abelardo Luz. Fonte da foto: Saída a campo do grupo CIDADE, 2019.

pelas agroindústrias da carne (com duas indústrias de abate: BRF – aves e Aurora – suínos) e do leite, que também impulsiona a economia local e regional.

Se destaca pela centralidade na prestação de serviços, principalmente educação, saúde e comércio que impacta em uma população estimada de 1.253.001 habitantes para a Mesorregião Oeste de Santa Catarina (IBGE, 2018) e a partir de 2010 é tida cidade polo da Região Metropolitana de Chapecó (RMC).

O território onde hoje se encontra o Município de Abelardo Luz (Figura 3) era habitado por índios coroados e caingangues, que ainda habitam alguns pontos da região. Sua localização se tornou ponto de parada para militares e tropeiros, visto ser passagem obrigatória para a Colônia de Xanxerê. Localizado na Região Geográfica Imediata de Xanxerê e na região Geográfica Intermediária de Chapecó, ficou dependente destes

Figura 4 – Urban Being: Tipologia Chapecó e Abelardo Luz. Elaborado por Ana Laura Vianna Villela, Maryon Brotto Rosado e Isadora Zardo a partir das discussões (RENNER, 2018) e dos dados de (MORAES, GUARDA e Zacchi, 2018) e IBGE, 2021.



municípios até a sua emancipação em 1958. Atualmente possui uma população de 17.960 habitantes, conforme estimativas do IBGE de 2020, e uma extensão territorial de 953,922 km² (IBGE, 2021).

Seu território de planícies onduladas se adaptou bem a mecanização das lavouras, tanto que figura entre os maiores produtores de grãos de Santa Catarina, sendo líder na produção de milho e soja e se destacando na produção de uma das melhores sementes de soja do país, com alto índice de germinação. Se destaca também pelo ter maior rebanho de gado Charolês do Estado de Santa Catarina e por abrigar a maior concentração de assentamentos da reforma agrária do Sul do Brasil, onde vivem aproximadamente 1,5 mil famílias assentadas, distribuídas em 22 assentamentos.

Da região ao espaço intraurbano

Como principal centralidade do oeste catarinense, Chapecó apresenta um raio de abrangência de 150km, que se coloca mais como uma relação de complementação das oportunidades da rede urbana que capitaneia do que de dependência, mas internamente no núcleo se observada a tendência gradual da urbanização em ir se transformando e se conectando com o rural, onde se tem dificuldade para definir os limites destas relações.

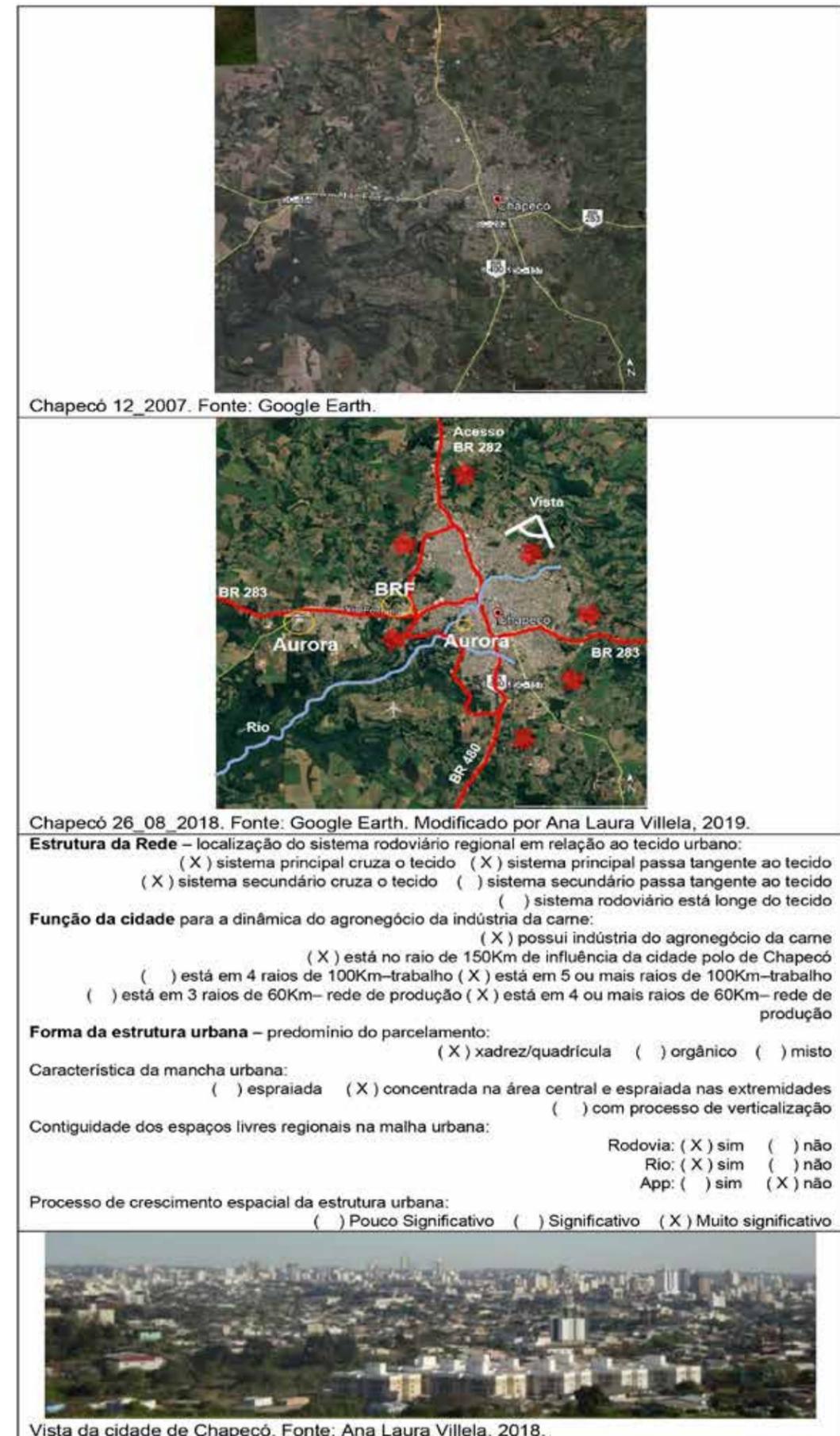


Figura 5 - Estrutura Urbana do Município de Chapecó. Fonte: Villela, 2019, p. 250.

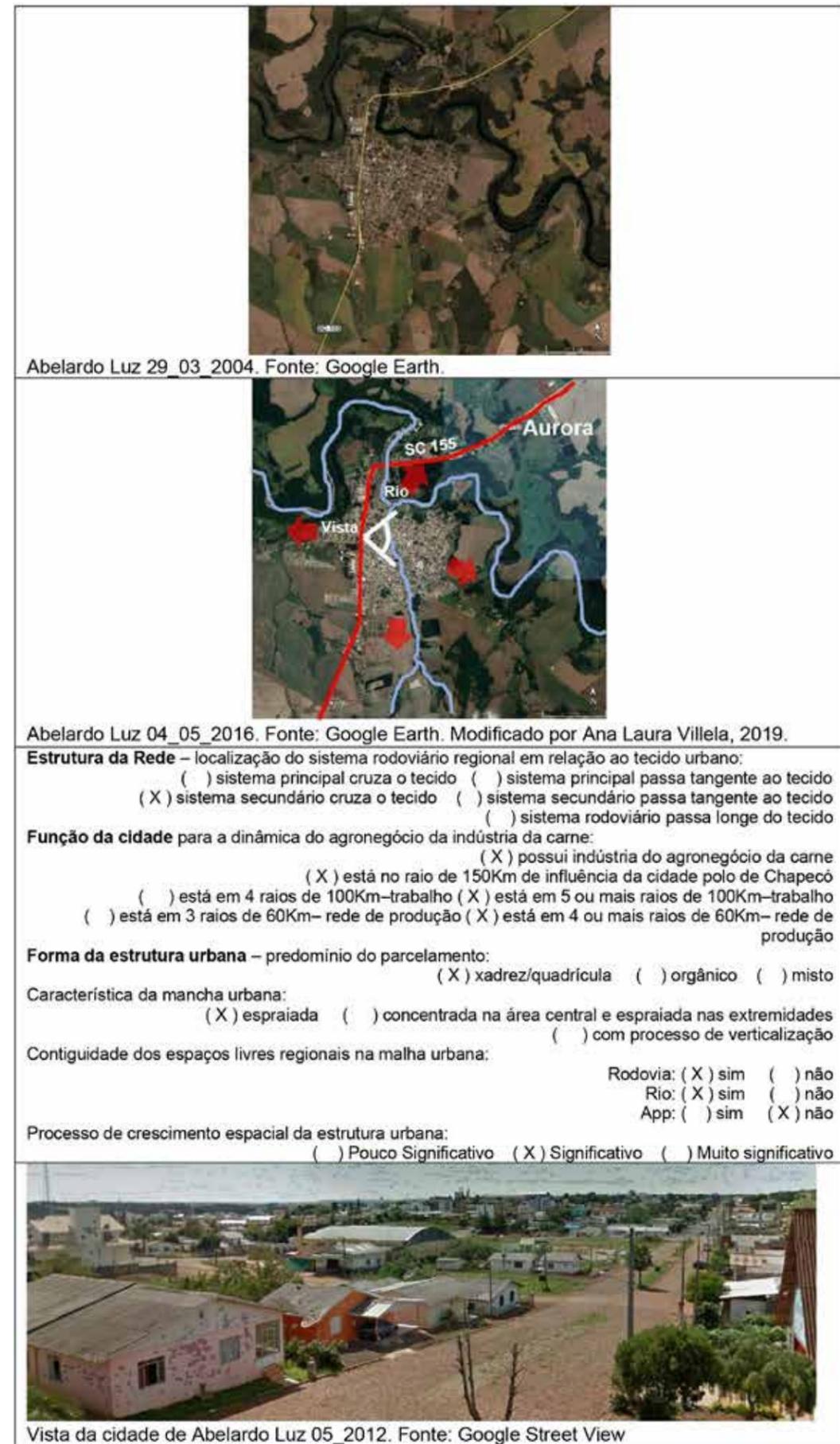


As relações externas observadas a partir da densificação e força atrativa em termos de comércio, serviço, produção, entre outros dados, mostraram a fraca interação com as cidades do sudoeste paranaense, e por isso desconsideradas para a representação gráfica, e boa conexão com o norte do Rio Grande do Sul (VILLELA, 2019, p.158).

Especificamente, as cidades com indústria da carne impactam com maior força no raio de 60Km (captação de matéria prima e mão de obra) e com menos intensidade no raio de 100Km (captação de mão de obra). Na Figura 4 tem-se a representação destes raios de abrangência para Chapecó e Abelardo Luz, onde se observa suas centralidades dentro do contexto de suas cidades vizinhas, inclusive para as cidades gaúchas.

A dinâmica regional de Chapecó se destaca como uma importante centralidade e pode ser compreendida pela sua força econômica e seu potencial inovador. Esta compreensão pode ser espacializada, a partir da análise de Renner (2018), tanto pelas relações externas quanto internas e descreve Chapecó como de tipologia dispersa. Interessante destacar que é a mesma tipologia que descreve Abelardo Luz. Com isso tem-se uma primeira caracterização da região oeste catarinense enquanto de tipologia dispersa e descontínua, caracterizada por pequenas conurbações, principalmente de baixa população e densidade.

A discussão da estrutura urbana (parte do que Renner chama de estrutura celular, composta tanto pelas propriedades físicas quanto pelas ações que ocorrem neste espaço), assim como a compreensão do tipo, depende da forma e do desenho da urbanização e auxiliam a identificar suas características, bem como delinear seus desafios e benefícios. Baixas densidades em estruturas uniformes ou grandes malhas retangulares geram fraca qualidade urbana para os pedestres, enquanto altas densidades em estruturas menores e mais orgânicas, se mostram mais próximas da escala do pedestre e portanto mais dinâmicas (VILLELA, 2019, p. 161).





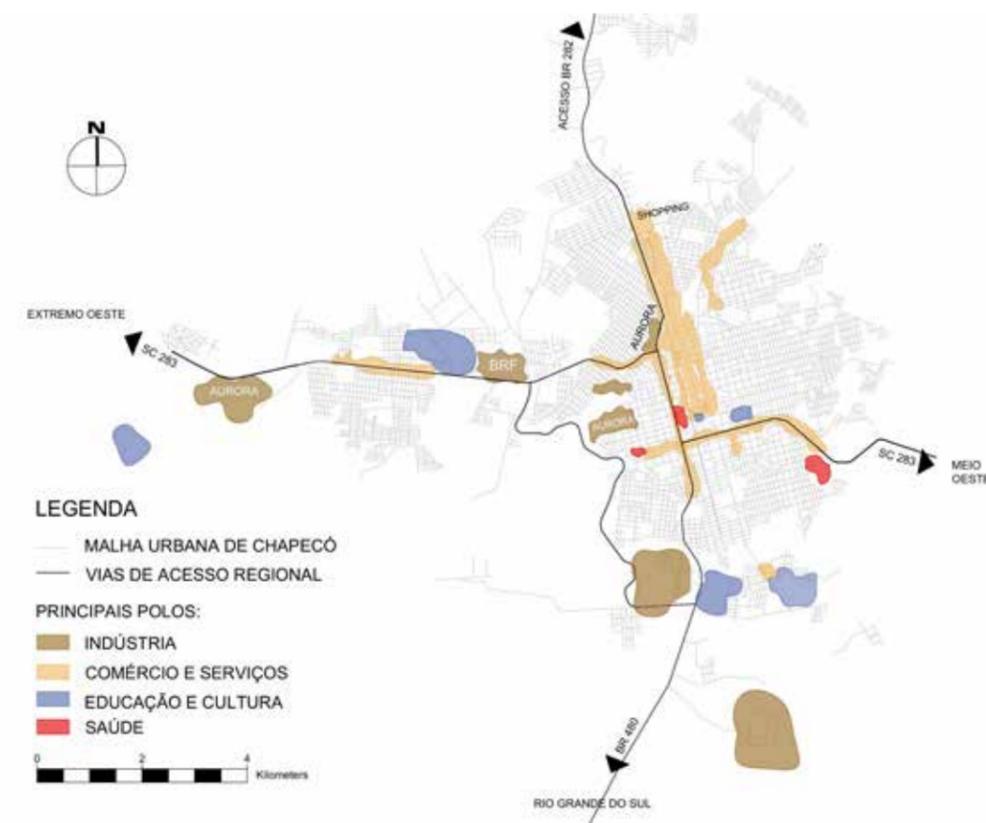
A Figura 5 auxilia a compreender melhor a estrutura urbana de Chapecó, onde se pode visualizar o significativo processo de crescimento espacial, no qual o sistema rodoviário regional, tanto principal quanto secundário, cruzam e também tangenciam o tecido urbano central, fornecendo ampla conexão com os canais de circulação e mobilidade.

O município enquanto cidade polo é o único a congregar duas marcas diferentes de agroindústrias, o que lhe confere importante função para a dinâmica do agronegócio da indústria da carne.

Quanto a forma da estrutura urbana apresenta uma mancha predominantemente xadrez/quadrícula concentrada na área central e espalhada nas extremidades, onde se observa a continuidade dos espaços livres regionais: rodovia e rios.

A investigação da forma das urbanizações foi realizada a partir das dimensões das quadras: pequenas (até 5.000 m²); médias (entre 5.001 m² até 15.000 m²); e grandes (acima de 15.000 m²), valores estipulados a partir da macroanálise dessas estruturas urbanas. Numa primeira análise pode-se observar que ambas as estruturas fundiárias são quadriculadas, com certa semelhança no parcelamento do solo.

A cidade de Chapecó (Figura 6) possui quadras grandes concentradas na área central que acolhem principalmente as atividades de moradia, comércio e serviços. As demais manchas desta tipologia demarcam vazios urbanos, áreas com indústrias e parques – a oeste e sul tem-se pequenas chácaras que atualmente se encontram em meio urbano. As quadras médias são predominantes e com isso caracterizam a principal forma de parcelamento desta urbanização, acolhendo diversas formas de habitação. As quadras pequenas se encontram de forma espalhada e com um pouco mais de concentração nas bordas, principalmente a leste, coincidindo em grande parte a áreas habitacionais de tipologia edilícia mais simples.



A Figura 7 auxilia a compreender melhor a estrutura urbana de Abelardo Luz, onde se pode visualizar o processo de crescimento espacial, no qual o sistema rodoviário regional secundário cruza o tecido urbano em expansão para oeste, sendo a via de conexão com os canais de circulação e mobilidade internos.

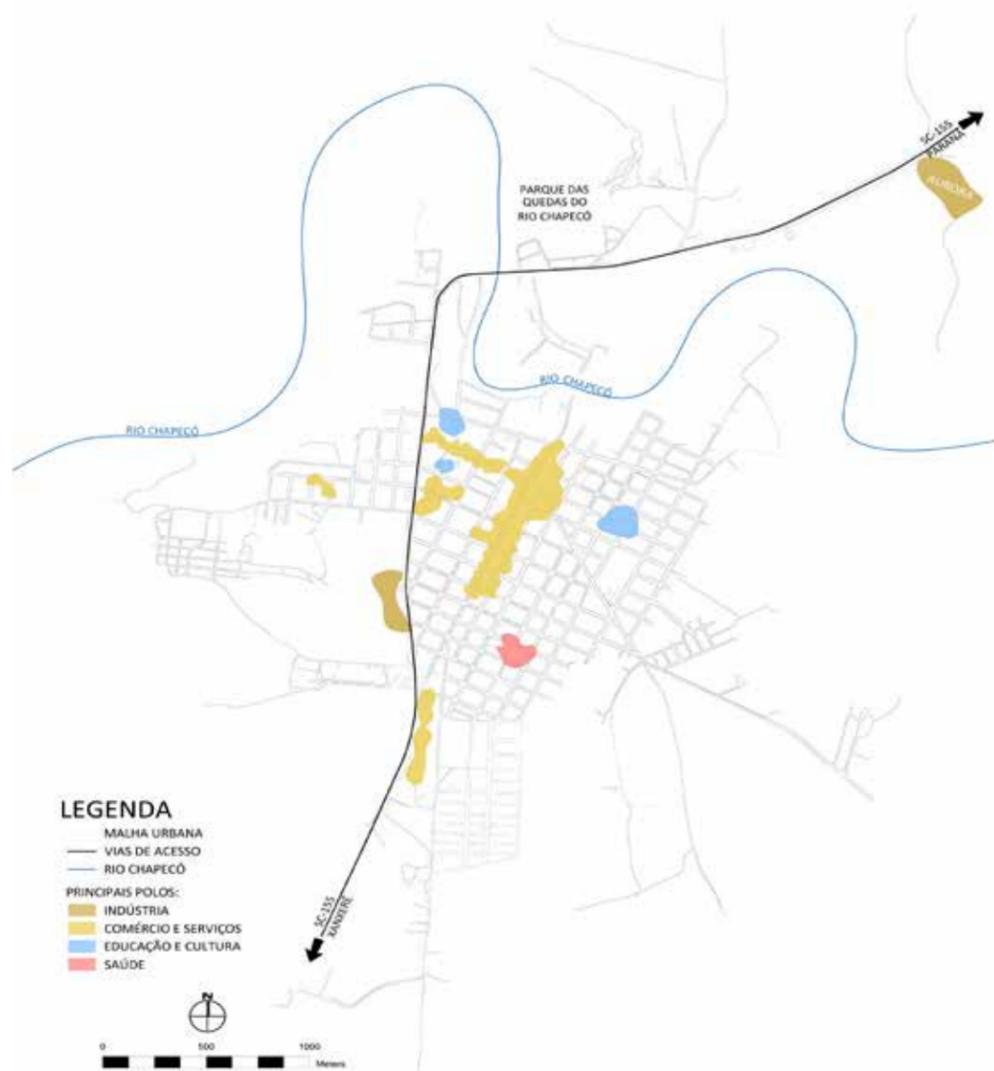
O município se encontra no raio de abrangência de 150Km de Chapecó e possui uma unidade agroindustrial localizada longe da malha urbana e que parece pouco induzir o processo de expansão.

Quanto a forma da estrutura urbana apresenta uma mancha predominantemente xadrez/quadrícula concentrada, onde se observa a continuidade dos espaços livres regionais: rodovia e rio.

Abelardo Luz (Figura 8), tem sua formação urbana predominantemente de quadras médias que acolhem principalmente as atividades de moradia, comércio e serviços. As quadras grandes concentradas nas bordas demarcam indústrias e cooperativas, assim como vazios urbanos. As quadras pequenas encontradas na região sul explicitam o resultado morfológico dos novos loteamentos.

Outro ponto importante é a dinâmica econômica. No oeste catarinense esta discussão é capitaneada pelo setor industrial devido seu poder inovador: exploração de novas ideias com resultado positivo, força econômica e capacidade de gerar riquezas e influência. Para tanto as figuras 9 e 10 espacializam as concentrações de comércio e serviços, indústria, saúde e educação e cultura.

Quanto ao núcleo urbano central, Chapecó (Figura 9) concentra parte das atividades de comércio e serviços responsáveis pela atratividade regional deste núcleo urbano. Em termos locais, o comércio de menor porte complementa esta estrutura central,



gerando sub-centralidade nos bairros e respondendo por parte da dinâmica nestes locais. As indústrias se localizam em unidades isoladas ou em distritos industriais junto à malha urbana que se expande em sua direção, fazendo-a se consolidar dentro da área urbanizada.

No núcleo urbano de Abelardo Luz (Figura 10) não há uma concentração de comércios, serviços, escolas e institucionais, como a prefeitura, pois seu núcleo urbano se confunde com o *coração* da dinâmica urbana, o que é peculiar de sistemas de pouca expressão extencional, ou seja, esta é uma característica que tende a se repetir em pequenos municípios.

Esta é complementada pela rodovia secundária que tangencia o núcleo urbano e que pode estar induzindo o crescimento da malha urbana a oeste. De toda forma a borda periférica mostra um crescimento equilibrado em todas as direções. Característica importante a ser observada é a o território se expande com baixa densidade, ou seja, é um modelo de alto custo/implantação dos serviços urbanos. Este é um ponto vital para compreender os pequenos municípios, visto que não é para este tipo de eficiência que se mostram mais importantes, mas sim como a aproximação do estado e atendimento a esta sociedade – neste caso constituída para consolidação do território nacional.

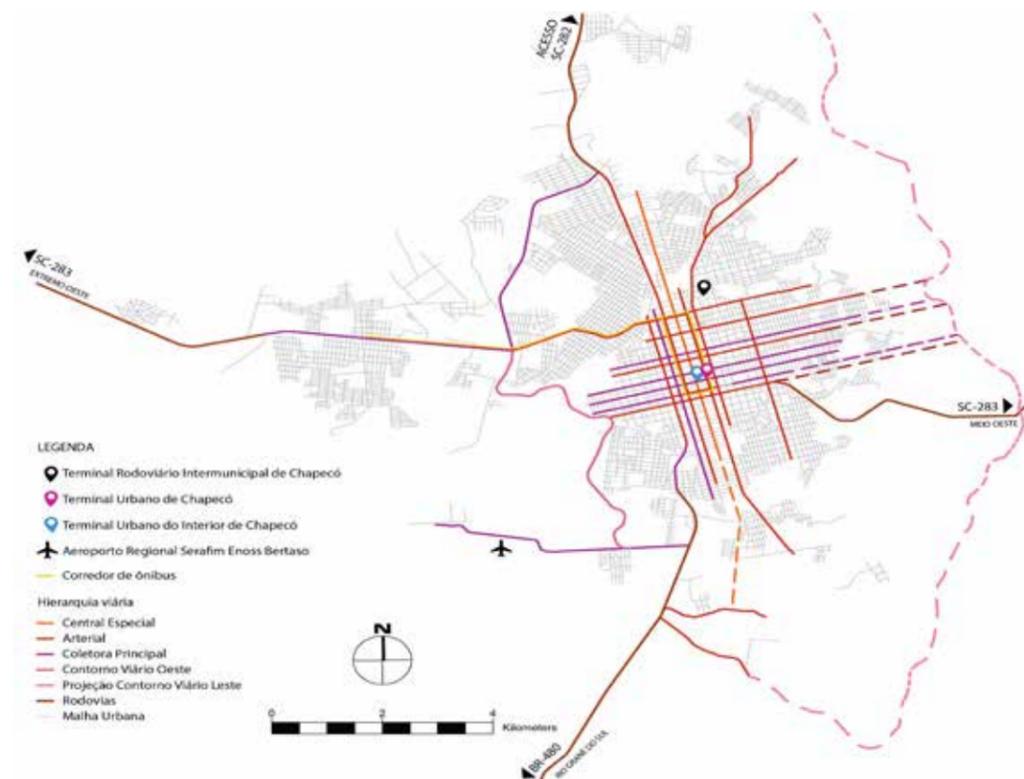


Figura 11 - Mapa sistema de Circulação Chapecó. Fonte: Villela, 2019, p. 168.

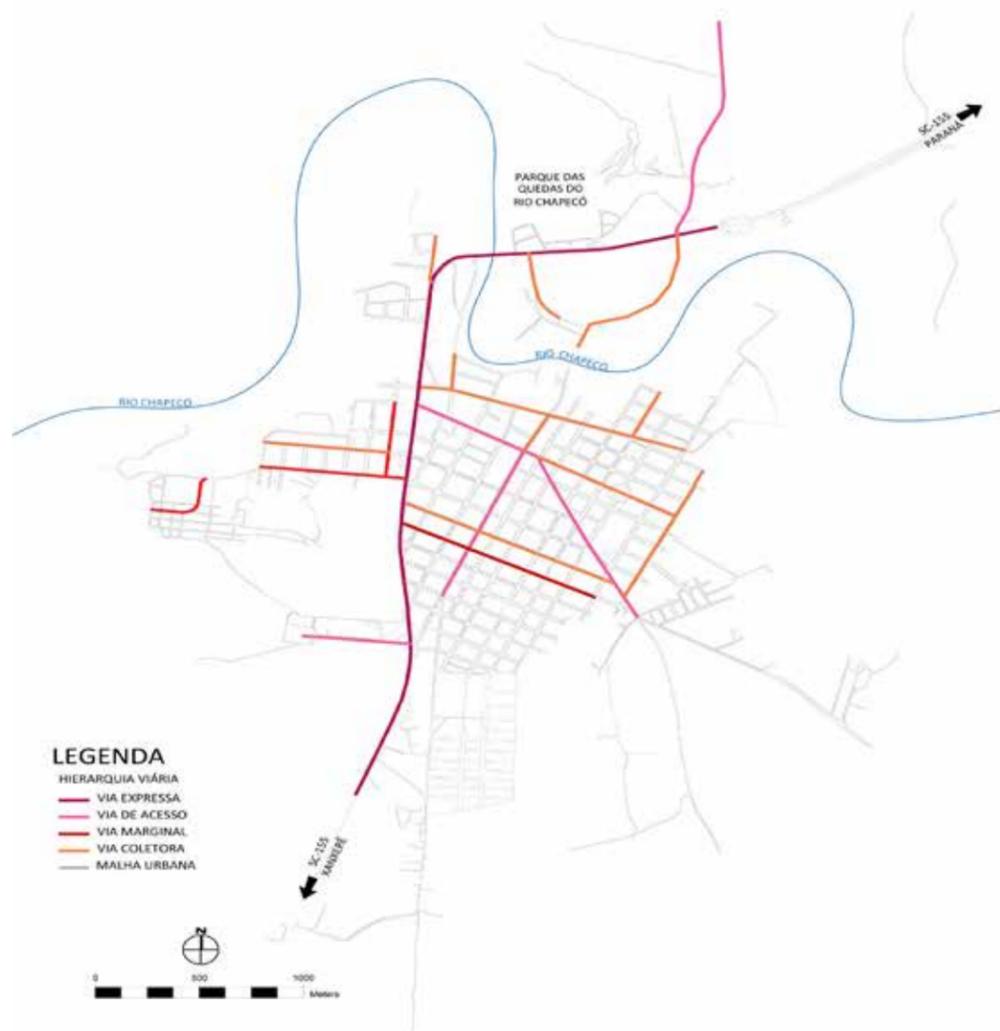
O estudo das relações internas é aprofundado a partir das áreas verdes e da compreensão dos canais de conectividade urbana, onde são consideradas as conexões, fluxos e sistema de transporte público.

A partir do tráfego e do sistema de transporte público pode-se compreender que em Chapecó (Figura 11) os impactos dos fluxos regionais, oriundos dos quatro principais acessos, exigiram medidas mitigadoras, tais como a implantação do anel viário para desviar da malha central principalmente o fluxo de cargas. Este sistema acabou por descortinar áreas periféricas pouco percebidas até então.

A maior parte dos deslocamentos acontece por veículo privado tanto individual quanto coletivo (vans e ônibus são contratados para transportar pessoas de outros municípios para atendimento nas áreas da saúde, educação e trabalho, principalmente, mas também para comércio, serviços e lazer), o que aumenta o acúmulo de veículos e os problemas de tráfego e congestionamento.

Apesar da centralidade e importância regional, o fluxo de usuários ainda não viabiliza economicamente a implantação e manutenção de sistemas como Metrô e Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) por exemplo, o que internamente agrava a sobrecarga do sistema viário pelo grande uso do transporte individual e aos congestionamentos em horários de maior movimento. Uma tentativa muito tímida foi a implantação de trecho parcial para corredor preferencial para ônibus, mas que não se aproxima nem um pouco da solução do *Bus Rapid Transit* (BRT) – sistemas de corredores exclusivos para o transporte urbano com ônibus, por exemplo.

Por ser um sistema em consolidação, apresenta novas demandas de crescimento territorial e populacional. A conexão regional por transporte coletivo concentra chegadas e partidas em dois pontos: Terminal do Interior de Chapecó (ao lado do Terminal Urbano na área central) e no Terminal Rodoviário Intermunicipal de Chapecó, que possui poucas rotas de integração com o transporte público municipal. Este concentra sua



rota num terminal central de distribuição, ou seja, linhas interbairros são inexistentes, o que dificulta e aumenta o tempo dos deslocamentos de seus usuários, e muitas vezes desestimula seu uso mais efetivo.

A conexão entre estas estruturas, urbana e regional, é a própria cidade e os eixos regionais. Esta fusão de funções auxilia a explicar a força de atratividade deste núcleo no oeste catarinense. Concomitante, a presença ativa do aeroporto introduz neste contexto as conexões nacionais/internacionais: um diferencial regional.

Em termos socioespaciais o que se pode observar é que o adensamento populacional, a verticalização sem critérios de conforto ambiental e as características desenvolvimentistas embasam a migração das relações sociais dos passeios públicos para os parques, as praças e locais privados, como os pátios internos aos lotes, bares, boates e o shopping, ficando o sistema viário para os veículos (VILLELA, 2019, p. 181).

A localização e configuração da estrutura urbana de Abelardo Luz (Figura 12) mostram outras relações para o tráfego, o sistema de transporte público e os fluxos regionais. Como não está numa conexão regional, o núcleo urbano acaba sendo pouco impactado por estes fluxos.



Figura 13 - Mapa sistema verde; Chapecó. Fonte: Villela, 2019, p. 183.

O município conta com transporte coletivo público (urbano e rural), mas devido às poucas alternativas de horários e estrutura para circulação, como ciclovias, a maior parte dos deslocamentos intraurbanos acontece por veículos privados ou a pé. A cidade possui um terminal rodoviário que recebe os fluxos rurais e urbanos.

Quanto a hierarquia do sistema viário a Via Expressa é a SC 467 que tangencia o núcleo urbano no sentido norte-sul e dá acesso a agroindústria. As Vias de Acesso cortam a cidade no sentido norte-sul e leste-oeste, permitindo a conexão a todo restante do sistema.

Por fim, tem-se o estudo das áreas verdes enquanto grandes responsáveis pela qualidade e identidade dos lugares, tanto pela capacidade de amenizar as temperaturas quanto pela particularização da paisagem. As Figuras 13 e 14 espacializam o sistema de áreas verdes, áreas de preservação permanente, parque e praças.

Em Chapecó (Figura 13), principalmente na área urbana central, apesar de existirem praças e parques, a verticalização impacta diretamente tanto na forma urbana quanto no cotidiano do cidadão, seja pela sobrecarga do sistema de circulação quanto pelo comprometimento da iluminação e da ventilação natural dos espaços livres públicos urbanos.

Os oito parques da cidade em termos fundiários se caracterizam principalmente por serem sobras ou bordas de parcelamento. Como consequência apresentam: frágeis conexões com o sistema viário e de circulação da cidade; formatos irregulares oriundos de desmembramentos, entre outros; áreas com grandes desníveis topográficos, que dificultam ainda mais a acessibilidade universal, o uso e a apropriação.

Apesar de apresentarem programas interessantes não conseguem ter expressão junto à comunidade por causa de suas características gerais, pela falta de manutenção e



pela baixa qualidade dos equipamentos. Exceção é o Ecoparque que foi revitalizado em 2014 e consegue acolher com eficácia algumas atividades de lazer, e o Verdão, que mesmo sem uma infraestrutura adequada possui grande apropriação. Assim, os parques se apresentam como importantes opções de lazer apesar de suas estruturas físicas estarem muitas vezes desconectadas dos principais sistemas de circulação; e as praças em muitos casos são locais potenciais, mas ainda em implantação e com pouca infraestrutura.

A legislação urbanística definida para a área central, que não necessariamente expressa o desejo da população, prevê uma taxa de ocupação de 90% da base, ou seja, permite praticamente a impermeabilização total do lote. Este índice somado à alta capacidade construtiva permitida na área tem levado a aridez intralote. Este contexto leva a compreender o importante papel dos canteiros arborizados, pois sem eles esta área estaria praticamente desertificada.

Abelardo Luz (Figura 14) tem uma praça, ou seja, apresenta grande carência de

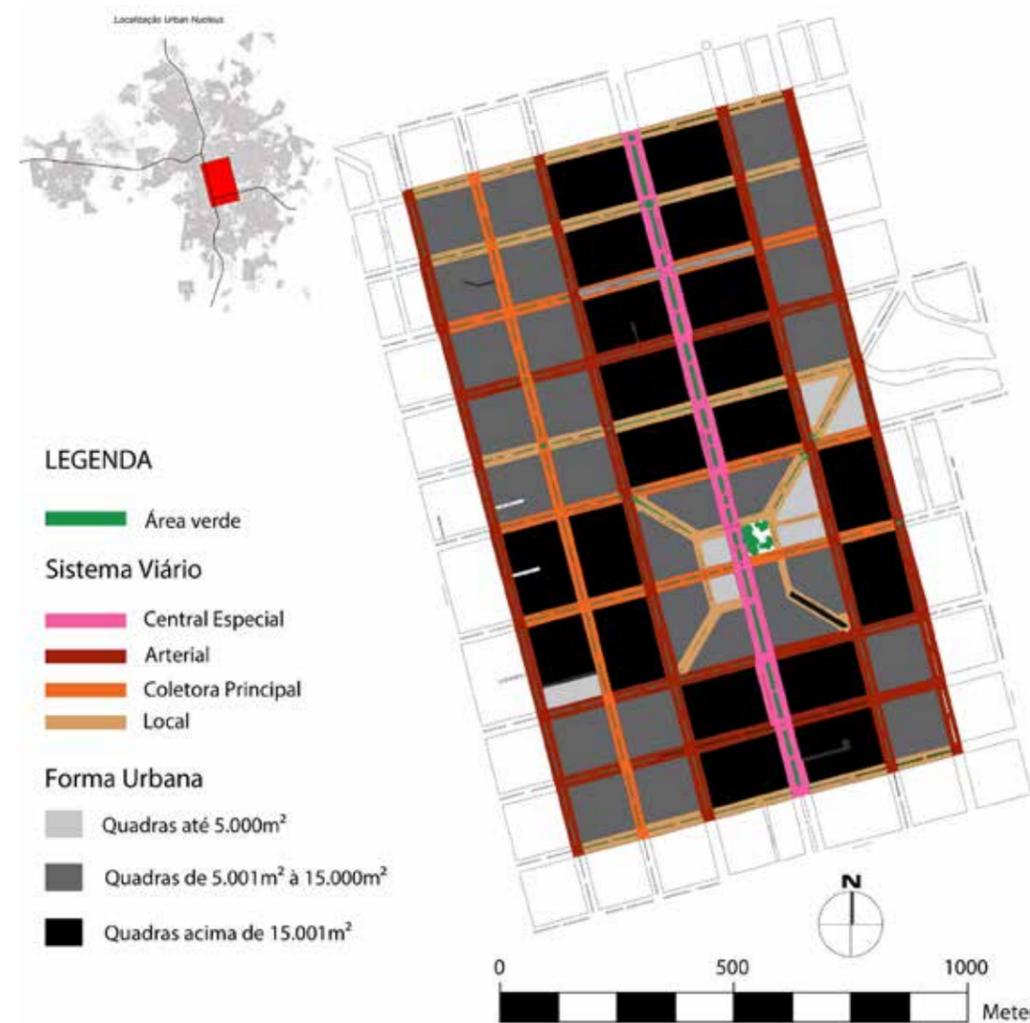


Figura 15 – Urban Nucleus Chapecó Fonte: VILLELA, 2019, p. 198.

praças, parques e demais espaços livres de convívio e lazer voltados à população. Mesmo existindo áreas verdes que não se enquadram como de preservação ambiental e, portanto, estariam aptas à ocupação, são vazios urbanos, que devido à falta de estruturas, e muitas se tratarem de espaços privados, e, portanto, com restrição de uso público.

Como característica geral, destaca-se que não existem parques e nem praças nas proximidades de vizinhança, conectando a vida urbana aos canais de deslocamento e movimento: sistema de circulação, e com isso negando aos moradores da cidade locais de descanso e relaxamento. Estes sistemas de circulação não contam com canteiros centrais, deixando ainda mais precária a situação verde da cidade, e com isso comprometendo a qualidade de vida.

O *Urban Nucleus* é o núcleo central geográfico e historicamente mais importante do *Urban Being*, definido por limites físicos, tal como vias expressas urbanas, rio ou topografia, caracterizado pela: tipologia, sistema de espaços verdes e forma urbana.

Em Chapecó se estabelece pela célula central (RENNER, 2018) e se define pela tênue alteração do sistema de circulação, quando este perde o canteiro central, assumindo assim o protagonismo do veículo. As estruturas que o representam enquanto principais funções urbanas são: a social (força de atração de fluxo e pessoas da Avenida Getúlio Vargas), a econômica (oferta de comércio e serviços), a política (edifícios institucionais e praça cívica) e a cultural (museus e núcleo histórico). Em termos regionais explicita a



sua relevância ao centralizar o encontro das conexões e dos acessos regionais, sendo esta uma importante face de sua representação (Figura 15).

A célula central (RENNER, 2018) em Abelardo Luz (Figura 16) define-se pela caracterização dos usos, assumindo os limites pelo encontro das funções econômica (oferta de comércio e serviços), educação e saúde, bem como pela estrada estadual. Desse modo os limites são: a Norte a escola; a Leste a igreja; a Oeste a via SC-155; e a Sul o hospital.

Em Chapecó o *Urban Cell* (Figuras 17 e 18) da área central possibilita observar a convergência e concentração comercial, de serviços, particularmente de restaurantes, bares e cafés, da Avenida Getúlio Vargas, único sistema que possui amplos passeios, bem como compreender que estes são os principais motivos do movimento de pedestres neste eixo. Em termos culturais o núcleo da Praça Coronel Bertaso se apresenta como local de *guarda* da memória coletiva. A espacialização do sistema de espaços verdes explicita o processo de eliminação das áreas verdes intraquadras, resultado que responde de forma direta à legislação urbanística definida para a área central, mas não necessariamente ao desejado pela população.

O *Urban Cell* em Abelardo Luz (Figuras 19 e 20) permite a compreensão de que a centralidade de comércios e serviços encontra-se densamente na Av. Getúlio Vargas, no sentido Norte-Sul, e na Av. Padre João Smedt, no sentido Leste-Oeste. Os pontos culturais e educacionais, sendo eles principalmente escolas, estão ao limite do estabelecido pela célula mínima e não tão próximos aos comércios e serviços, assim como a presença do hospital na parte sul do município. A presença de espaços verdes ainda muito presente no intraquadra com áreas bem arborizadas, percebe-se uma forte concentração em um maior número de quadras quando comparado com Chapecó.

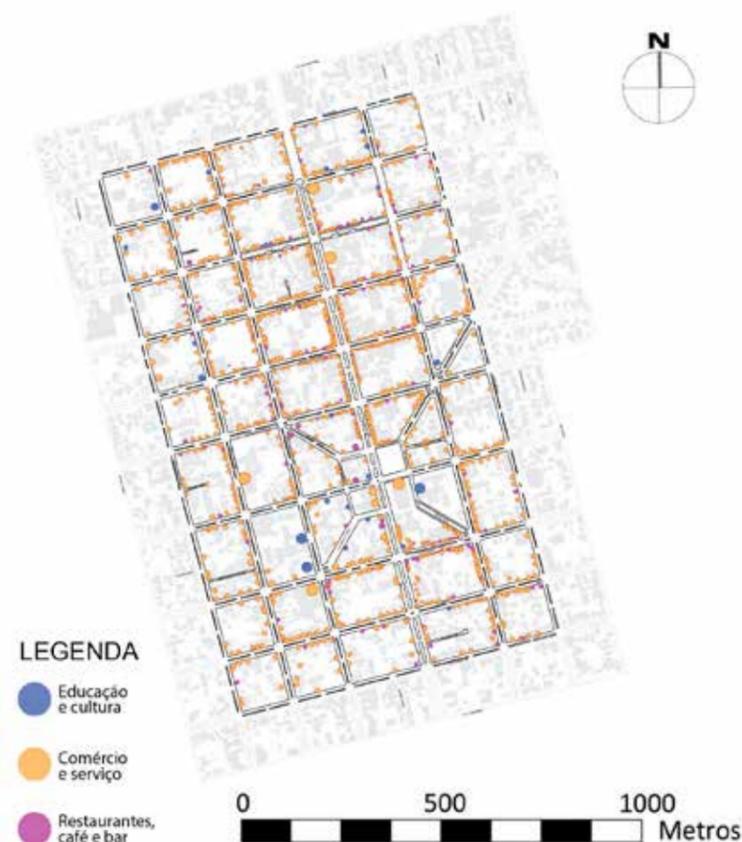


Figura 19 – Urban Cell/Abelardo Luz: dinâmica socioeconômica. Elaborado por Ana Laura Vianna Villela, Lucas Santos Magro a partir das discussões (RENNER, 2018), 2019.

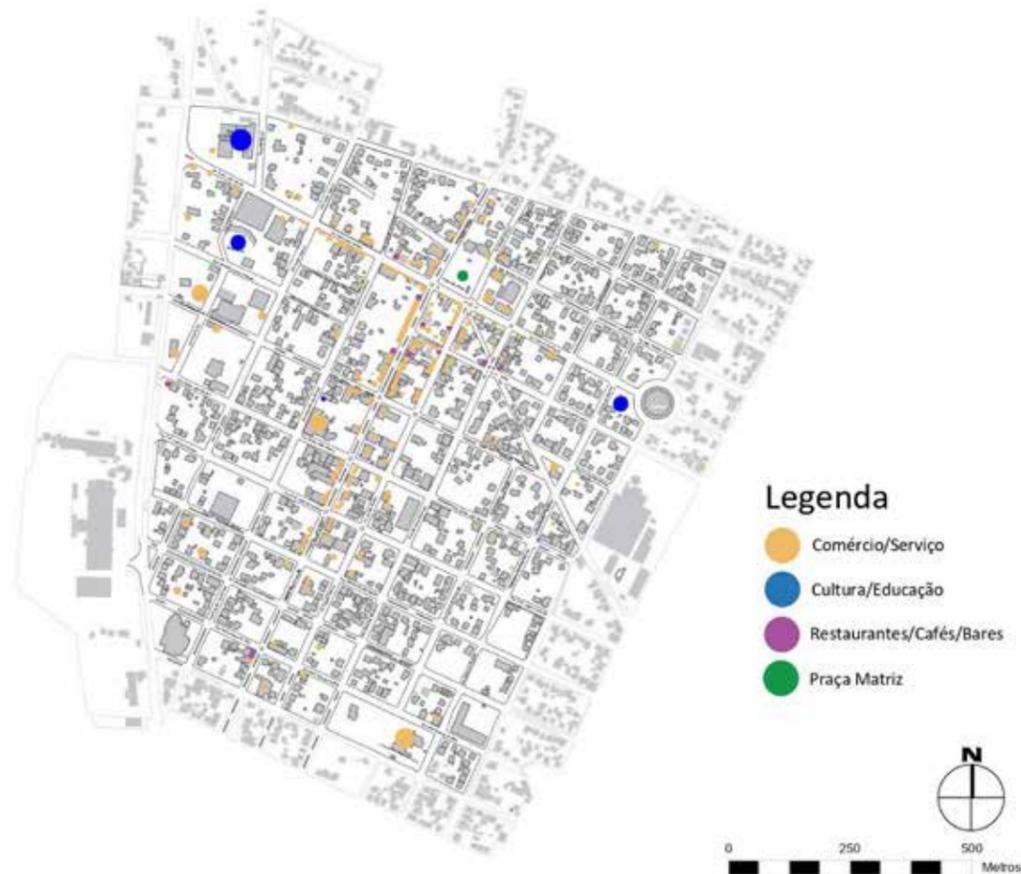


Figura 20 – Urban Cell/Abelardo Luz: arborização. Elaborado por Ana Laura Vianna Villela, Lucas Santos Magro a partir das discussões (RENNER, 2018), 2019.



Considerações Finais

A caracterização e reflexão mais aprofundada dos tipos morfológicos que qualificam e explicitam os processos que preservam as homogeneidades e heterogeneidades em termos de diversidade social, funcional e tipológica dos núcleos estudados, reforçam as características próprias e intrínsecas do território regional, principalmente no sentido de sua vivência e significado social, e com isso se afirmam como importante elemento para o planejamento.

O estudo regional revelou o conflito entre a cidade política e a administrativa, ou seja, sua real área de abrangência, significado enquanto território e força atrativa. Chapecó por sua tipologia dispersa espacializa uma área de influência mais significativa no raio de 60 Km e menos intensa nos raios de 100 km e 150 Km. Interessante observar que estas distâncias espelham as relações da agroindústria com o território, sendo o primeiro o raio mais privilegiado para captação de matéria prima (conexão com as pequenas propriedades integradas), o segundo de captação de mão-de-obra (conexão tanto com o rural quanto com os pequenos municípios) e o terceiro da influência regional. Abelardo Luz se mostrou vinculado à centralidade de Chapecó nos dois raios mais ampliados (100 e 150 Km), mas criando uma sub-centralidade no raio de 60 Km, se destacando na prestação de serviços.

Quanto ao núcleo urbano central, onde em Chapecó define-se pela alteração no sistema de circulação que deixa de ter canteiro central, tendo o veículo como protagonista e em Abelardo Luz a delimitação acontece pela via expressa e pelas tipologias de uso do solo. Interessante observar que o núcleo e a célula urbana coincidem tanto em Chapecó quanto em Abelardo Luz, ainda que sejam percepções diferentes do espaço urbano, visto que em relação a primeira é identificada uma área central diferenciada e de alto valor agregado por seu vínculo facilidade aos serviços, comércio e grande número de oportunidades. Na segunda esta gama de oportunidades se confunde com o próprio núcleo urbano, não destacando uma localização específica, característica que talvez se replique em outras cidades pequenas.

Independentemente desta supra valorização da área central, ou não, ambas induzem nas bordas periféricas as habitações sociais, não conseguindo romper com a mesma lógica do capital dos grandes centros mais consolidados. O mesmo acontece para a falta de continuidade das áreas verdes regionais dentro da malha urbana.

Contudo, o estudo comparativo das características socioespaciais registradas na paisagem possibilitou compreender a importância da forma urbana enquanto indutora de centralidade e identidade do núcleo urbano, bem como da dificuldade dos pequenos municípios em construir pensamentos autônomos e mais eficazes para as realidades, ficando subjugados as discussões dos centros maiores.

Agradecimentos

Pesquisa financiada pelo Fundo de Apoio à Pesquisa da UNOCHAPECÓ – Bolsa de auxílio modalidade PIBIC/FAPE de Iniciação Tecnológica.

Referências

DRAMSTAD, Wenche E.; OLSON, James D.; FORMAN, Richard T. T. Landscape ecology principles in Landscape Architecture and Land-Use Planning. Harvard University: Island Press, 1996.

IBGE, Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Cidades, 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 20 fev. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário Estatístico do Brasil - 2018. p. 470, 2018.

ISUF. International Seminar on Urban Form, 2021. Disponível em: <<http://www.urbanform.org/index.html>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LAMAS, José Manuel R. G. Morfologia Urbana e o Desenho da Cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LEITE, Maria Angela F. P. A paisagem, a natureza e a natureza das atitudes do homem. Paisagem e Ambiente, 1992. n. 4, p. 45-66.

MACEDO, Silvio S. Os Espaços Livres de Edificação e o Desenho da Paisagem Urbana. In: ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE DESENHO URBANO NO BRASIL – SEDUR. São Paulo, SP: Pini, 1986. p. 103-110.

OHTSUKIE, Clarisse.; MACEDO, Silvio S. CD-Rom Paisagismo Contemporâneo No Brasil. Projeto Quapá: FAPESP; CNPq, 2003.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo, SP: Ática, 1993.

RENNER, Robin. Urban Being: anatomy & identity of the city. Salenstein: Niggli, 2018.

SANTA CATARINA. Lei Estadual n.º 1.147, de 25 de agosto de 1917.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1998. 4. ed.

SCHLEE, Mônica B.; NUNES, Maria Julieta.; REGO, Andrea Q.; RHEINGANTZ, Paulo. Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – Um Debate conceitual. Paisagem e Ambiente, n. 26, p. 225–247, 30 jun. 2009.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira da; LIMA, Fernanda; MAGALHÃES, Natália. Aplicação do conceito de Unidade Morfo-territorial na escala metropolitana, intraurbana e local. *Revista de Morfologia Urbana*, v. 3, p. 105–120, 2015.

SOUZA, Marcelo L. Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2015. 2. ed.

TÂNGARI, Vera Regina. *Um outro lado do rio*. Rio de Janeiro. 1999. 357 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TÂNGARI, Vera Regina. Espaços livres e a forma urbana: identificação dos tipos-morfológicos que qualificam a paisagem urbana. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 3., 2014, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Enanparq, 2014. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-EPC-004-1-TANGARI.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

VILLELA, Ana Laura V. Urbanização e paisagem: as transformações socioespaciais no oeste catarinense. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Chapecó, 2019.